

O SIMBÓLICO E A CLÍNICA PSICANALÍTICA: O INÍCIO DA TEORIA LACANIANA

(Symbolic and the Psychoanalytic Clinics: The Beginning of Lacanian Theory)

Carla Regina Françóia

Professora do Departamento de Psicologia da UNIBRASIL-Curitiba e Doutoranda em Filosofia pela UNICAMP

Resumo: Este artigo tem como objetivo buscar no princípio da psicanálise lacaniana, na década de 50, dentro do período conhecido como simbólico, como foi possível formular uma teoria clínica da psicanálise. Para tanto será necessário apresentar como a influência da antropologia de Lévi-Strauss e da lingüística de Saussure possibilitaram a Lacan reformular a noção de inconsciente e construir uma nova visão de sujeito a partir da linguagem.

Palavras-chave: Lacan – Psicanálise – Estruturalismo - Linguagem

Abstract: The objective of this article is to ask how it was possible, in the beginning of the Lacanian psychoanalysis, about the 50's and inside of the period known as the symbolic, to formulate a clinical theory of psychoanalysis. For that it will be necessary to present how the influence of Lévi-Strauss anthropology as well as Saussure's linguistics made possible for Lacan to reformulate the unconscious notion and to construct a new vision of the subject from language.

Keywords: Lacan – Psychoanalysis – Structuralism - Language

A década de 50 marca o início de um novo projeto que surge no cenário cultural francês: “um retorno a Freud”. Jacques Lacan propõe que é preciso entender qual foi a questão forjada pelo inventor da psicanálise a partir da descoberta da noção de inconsciente. Descentralizando a *verdade* do homem da consciência, tal qual prega a filosofia moderna, e, afirmando que é este um lugar de enganos; a psicanálise a localiza no inconsciente atrelada a um sujeito que causa e é causado pela noção de desejo.

No “Congresso dos Psicanalistas de Língua Francesa”, Lacan reivindicava, através da apresentação de sua obra “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”, o direito de exhibir os desvios que a obra freudiana sofria por seus praticantes e, não sem demora, a solução para tal desregramento: “só poderiam ser corrigidos por um mero retorno ao estudo, no qual o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala” (Lacan 1998a, p. 245). A fala é trazida por Lacan como caminho preciso de tal retorno. A intenção declarada de Lacan é a criação de um novo horizonte no programa freudiano, a partir da linguagem, em oposição à doutrina clássica que constituía a atualidade da tão aclamada instituição criada por Freud na primeira década do século XX, a IPA – Associação Internacional de Psicanálise. Esse texto marca, na produção lacaniana, a passagem de um momento anterior designado como período do imaginário a um novo contexto determinado pela implantação da linguagem no campo da psicanálise e designado pelo registro do simbólico; de uma concepção genética sobre o sujeito para um modelo estrutural composto por três elementos: simbólico, imaginário e real.

Na esteira da pesquisa histórica que possibilitou a entrada em cena do retorno à doutrina psicanalítica pelo encantamento da linguagem na década de 50 por Lacan, ou para se compreender qual o propósito do Discurso de Roma, é necessário buscar na entrada do período do simbólico o possível diálogo de Lacan com a racionalidade estruturalista pelo viés da obra de Lévi-Strauss e destacar como tal interação amiúde

influenciou essa retomada fecunda da psicanálise. É por essas e por outras que em Lacan “a palavra de ordem de um retorno a Freud significa uma reviravolta” (Lacan 1998b, p. 403).

1.

Em 53, com o advento do simbólico, uma palavra de ordem, um retorno devidamente original a uma forma de pensamento que com seus conceitos é a abordagem mais total da realidade humana (Lacan 1953, p.01). Esse retorno decretado é mediado, na obra de Lacan, pela influência da obra de Lévi-Strauss quando esta se torna estruturalista pela influência da lingüística estrutural de Saussure promulgada por Jakobson. Lévi-Strauss “vai buscar nas ciências humanas, mais precisamente na lingüística, um modelo de cientificidade” (Dosse 1993, p.37), toma a lingüística como ciência piloto para instaurar uma antropologia diferente da filiação naturalista e biológica. Desta forma, linguagem, simbólico, inconsciente e estrutura não são termos brotados na obra de Lacan devido à influência da teoria freudiana na construção francesa da psicanálise. Pelo contrário. O acesso a tais noções veio da visada estruturalista tendo a lingüística como modelo estrutural e a antropologia ampliando o caminho de acesso a esse novo método, a psicanálise bebe desta fonte e na década de 50, sob a pena de Jacques Lacan, nasce também estruturalista.

A antropologia de Lévi-Strauss é fruto de um projeto que visa tirar a proibição do incesto do patamar do natural e instaurá-la dentro do âmbito da comunicação. Semelhante ao projeto de Lacan logo no início da sua produção teórica, Lévi-Strauss está buscando a “passagem da natureza para a cultura” (*ib.*, p.41) desconfigurando o temor natural do incesto em prol de uma definição da união dos sexos como um fator positivo gerador de cultura. “A proibição do incesto exprime a passagem do fato natural da consangüinidade para o fato cultural da aliança” (*ib.*, p.41). É nesse instante que a lingüística entra em cena, pois com a noção de sistema¹ apresentado pelo método fonológico, Lévi-Strauss a sobrepôs ao fato social e apreendeu com isso as relações internas e as leis gerais que regem tal sistema. Assim, nasce a antropologia estrutural quando Lévi-Strauss toma de empréstimo como referencial científico o modelo lingüístico e estabelece uma paridade entre o evento social. Compreendendo a cultura como um sistema de símbolos portadores de regras que organizam o meio, Lévi-Strauss estabelece que os fatos da vida social são do mesmo modo que os fatos lingüísticos, ou melhor, o parentesco é um sistema de comunicação (ou troca) assim como qualquer língua é também um sistema de comunicação.

Lacan, na década de 40, retirou a noção da gênese do imaginário da psicologia e dele produziu um homem que se diz eu pela identificação ao outro e, implicando nesta relação dual, o desejo. Lacan fundamentou-se nas idéias de Politzer para contornar algumas questões da psicanálise freudiana, para que uma nova compreensão a respeito da subjetividade ganhasse campo no patamar de ciência concreta. Neste período, a posição lacaniana é bem precisa: reordenar as noções metapsicológicas, construir uma teoria psicológica que desvie de uma compreensão organogenética do que é o mental e atribuir um caráter a realidade humana a partir da realidade social. Lacan fundamentou seu projeto pelo viés de uma antropogênese que permitisse pensar o meio social como o lugar da possibilidade para a subjetividade. Precisou, além de contornar as idéias substancialistas da metapsicologia, determinar uma psicologia que escapasse ao caráter naturalista do homem especificando que esse é resultado das suas relações sociais, isto é, Lacan relativizou a realidade humana.

O cientificismo que buscou nosso autor é o de tomar a subjetividade a partir de uma teoria objetiva que inicia com a prática psicanalítica freudiana como um possível modelo para criação de uma nova ciência psicológica concreta escapando do realismo científico que marcava a psiquiatria. É a substituição dos conceitos metapsicológicos pelos determinantes sociais que se enquadravam perfeitamente nos parâmetros relativistas que Lacan buscou para a sua psicologia. Ao mesmo tempo em que nasceu uma teoria sobre a gênese do eu, impasses começam a ganhar corpo dentro deste contexto. A começar pelo fato de que ao constituir-se um eu, nasce, também, um sujeito considerado apenas pelo viés do imaginário, absoluto.

Desta forma, a entrada do estruturalismo no projeto lacaniano permitiu contornar alguns desses impasses como, também, aderir às intenções do projeto de Lacan. Enquanto sob a influência de Kojève, Lacan formulou que o desejo é o desejo do outro, sob a influência de Lévi-Strauss e o símbolo, Lacan substancializou a realidade humana tanto em seu estatuto universal quanto individual. Se antes a imago era responsável pela subjetividade, da psicologia à psicanálise ocorre a passagem do imaginário para o simbólico sem a perda da compreensão da gênese do eu, pois a imago não deixa de ser a noção fundamental do imaginário e o inconsciente, com a entrada do simbólico, ganha um contorno fundante da subjetividade ao ser identificado com a ordem simbólica.

Neste primeiro momento da obra de Lacan, no período do imaginário, foi preciso relativizar a realidade psíquica e, com os parâmetros científicos do estruturalismo Lacan pôde, através de novos termos, prosseguir em seu projeto de construir a ciência da subjetividade. Assim é a passagem da crítica das noções metapsicológicas para a redefinição dos conceitos que compõe o novo quadro: um sujeito histórico que dá às suas experiências significações pessoais. Lacan reordenou sua teoria, mas para continuar com o mesmo projeto, a ciência da subjetividade. Entretanto, não é mais o meio social que permite a constituição de um sujeito: a passagem da psicologia para a psicanálise, do imaginário para o simbólico, é também a passagem do meio social para a linguagem, ou como mais tarde será chamado, o significante. Formalizando, desta forma, um método terapêutico novo baseado fundamentalmente no conceito primordial da obra lacaniana, o significante.

Foi dentro deste contexto que o retorno à obra freudiana surgiu na década de 50; com a influência de Lévi-Strauss, Lacan voltou-se para a psicanálise não mais como um crítico disposto a demonstrar os erros de uma teoria marcada por noções substancialistas, mas pôde voltar-se para a teoria da psicanálise considerando-se um fiel leitor de uma obra que perdia sua autenticidade pela prática de seus seguidores. Formalizando sua noção de inconsciente, pela antropologia lévi-straussiana, Lacan produz o que ele mesmo chama comumente a leitura mais exata e verdadeira da obra de Freud. Vejamos a seguir qual foi o resultado do percurso de crítico atroz de uma teoria nada passível de cientificidade a um comentador leal de uma obra desviada a partir do modelo estabelecido para a clínica psicanalítica que introduz linguagem como sua possibilidade.

2.

No Discurso de Roma e no Seminário 1, Lacan anuncia que sendo a fala o único meio de que dispõe a técnica da psicanálise, é por ela que se iniciará o que será a apresentação de um modo renovado de lidar com a experiência analítica, e é nesse campo que o simbólico entra em cena fundando uma compreensão diferente sobre o

sujeito. O ser que verbaliza um apelo é um ser que está no nível da linguagem, isto é, integrado a um sistema simbólico, e é esse que possibilita o seu desenvolvimento enquanto homem. “(o) apelo humano (...) se reproduz justamente num ser que já adquiriu o nível da linguagem” (Lacan 1986, p. 101). Esse apelo verbalizado revela o que se pode chamar de um verdadeiro paradoxo do sujeito humano e o primeiro que se manifesta em análise, pois, ao que parece um processo analítico progride da seguinte maneira: caso venha o psicanalista ofertar respostas para o apelo de seu psicanalisando, respostas que, por mais adequadas que sejam, ou fórmulas prontas para a demanda deste paciente, este se frustra muito mais do que se recebesse, da parte do analista, o seu silêncio como um modo de resposta. Esta frustração, esse elemento importante da manifestação de um sujeito em análise, acontece pelo fato de ser a frustração inerente à constituição do eu de um sujeito que, quando vai contar a sua história, quando fala de si, reconhece que o seu eu está repousado sobre uma estrutura imaginária, que seu eu é resultado de uma miragem. “Pois, neste trabalho que faz de reconstruí-la [a obra do seu ser], para um outro [o analista], ele reencontra a alienação fundamental que o fez construí-la como um outro, e que sempre a destinou a lhe ser furtada por um outro” (Lacan 1998, p. 251). Por essa razão, todo tratamento que visa o fortalecimento do ego – ou melhor, a readaptação do ego ao real e tendo como medida o ego do analista –, estará comprometido com o reforço do sintoma do paciente, ainda mais se for um tratamento que tende a desviar o sujeito de reconhecer que é sempre a partir de um outro que se é. Sendo a frustração, portanto, a resposta emocional do sujeito ao deparar-se com sua verdade imaginária, nenhuma resposta findará esse apelo e “o sujeito tomará por desprezo qualquer fala que se comprometa com seu equívoco” (ib, p. 251). Como conseqüência da frustração que desvenda as intenções imaginárias do discurso do sujeito, surge a agressividade.

Esta reação é uma conseqüência às intervenções do analista em análise, que pela sua pontuação, promove um certo desmoronamento dos objetos constituídos pelo psicanalisando para sustentar suas intenções imaginárias. Isto é, o sujeito constitui para si todo um mundo composto de objetos que estão sustentando o eu em suas relações e que, em análise através de seu discurso quando apresentado a seu analista, como visto acima, acaba sempre em frustração e, a partir disto, do reconhecimento dessa vivência imaginária, a agressividade surge como uma conseqüência inevitável desse processo. Lacan afirma que essa agressividade é “a agressividade do escravo, que responde à frustração de seu trabalho com um desejo de morte” (ib, p. 251). Nesse momento, na experiência da psicanálise é preciso que o analisando desvie ao máximo, a partir da condução do analista, de uma objetivação grande demais e imaginária desta crença de si mesmo para não reforçar ainda mais a posição alienante que o constituiu “(...) o eu está estruturado exatamente como um sintoma. No interior do sujeito, não é senão um sintoma privilegiado. É o sintoma humano por excelência, é a doença mental do homem” (Lacan 1986, p. 25). O psicanalista, segundo Lacan, deve reintegrar o sujeito ao seu discurso como um [eu] para, a partir daí, o sujeito reassumir seu discurso narcísico, imaginário, para quebrantar, desta forma, suas miragens e suspender as tais certezas que foram construídas para manter firme seu mundo imaginário.

Lacan distingue o eu freudiano entre o je e o moi, ou, o eu imaginário (moi) e o sujeito do inconsciente (je) representado como [eu].² Para Lacan – partindo dessa divisão em relação à noção do eu freudiano – sua crítica sobre o fortalecimento do ego dirige-se aos teóricos que promoveram uma psicanálise adaptativa que privilegia o ego

em detrimento do inconsciente como, por exemplo, a psicanálise norte-americana que tem como técnica uma readaptação do comportamento do sujeito para que assim possa encontrar o sucesso. Esta psicanálise, dita desviada, nasceu dos ideais médicos e, portanto, sua ênfase recai numa visão biológica do sujeito rejeitando o sexual, o inconsciente e a pulsão provocando uma deturpação da teoria que privilegia esses conceitos reduzindo-a a uma psicologia acadêmica que tem como foco a percepção, a consciência, o juízo. Na psicanálise lacaniana, o eu não é um fato de observação e, sim, uma ilusão que a psicologia não consegue dar conta e que precisa ser dissipado pela experiência analítica através das pontuações do analista no discurso do psicanalisando para produzir sentido a essa fala e, sendo assim, dando espaço ao surgimento do [eu], do sujeito inconsciente.

É sempre, portanto, na relação do eu do sujeito com o [eu] de seu discurso que vocês precisam compreender o sentido do discurso, para desalienar o sujeito (Lacan 1998a, p. 305).

Desta maneira, banindo toda descrição objetivante deste eu que se constitui a partir de suas miragens imaginárias. É a isso que se chama comumente em análise quebra narcísica. “Que se preste atenção a isso (...) porque é na análise que ele (inconsciente) se ordena como discurso” (Lacan 2004, p. 452).

O trabalho do psicanalista, de pontuar a fala vazia do psicanalisando, tem como intuito produzir sentido a esse discurso. Esse sentido, entretanto, deve ser achado e assumido pelo sujeito e não ofertado pelo analista. Por isso, essa pontuação muitas vezes pode até ser a interrupção da sessão analítica em momentos importantes do discurso para precipitar um sentido a esse discurso. Pois, Lacan afirma que, por mais que nesse momento a fala apresente-se como um discurso vazio, ela constitui-se como uma verdade, devido ao fato de ter seu valor de comunicação e “mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira” (Lacan 1998a, p. 253). Essa é a única via por onde o analista, de acordo com sua atitude em relação a fala de seu paciente, pode conduzir o analisando a encontrar-se – e reconhecer – sua condição desejante e a revelação do seu inconsciente.

Mesmo que não comunique nada, o discurso representa existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho (ib, p. 253).

Devido essa condição da fala vazia, de comunicar algo, o analista deve apreender-se nesse discurso para ouvir aquilo que o sujeito fala sem saber que fala e intervindo, com sua pontuação, para que o sentido desse discurso surja ao psicanalisando. Para tanto, se “(...) ele se cala (o analista), é para lhe dar a palavra” (Lacan 1998c, p. 440), a um sujeito que conta a sua história, a história de seu sofrimento, trazendo momentos passados que são atualizados, no *hic et nunc* do seu discurso. É a esse momento que Lacan nomeia de regressão, completando a tríade – junto com a frustração e a agressividade – de elementos que compõem a fala vazia.

Há uma reativação das fantasias do eu que mantém a miragem da sua integridade, que, quando atacadas pelas intervenções do analista tendem a se reatualizar no discurso para manter a estrutura do eu. Então, o analista deve ouvir a parte significativa do discurso do analisando e a pontuação sobre esse discurso é que permite que um sentido seja dado. Essa pontuação, que permite um sentido, deve ser feita no momento da enunciação de alguma palavra importante na trama deste discurso, pois é aí que se precipitam os momentos conclusivos, operando a regressão que é atualização, no discurso, das relações fantasísticas restauradas por um ego a cada etapa da decomposição de sua estrutura.”(Lacan 1998a, p. 253).

As manifestações presentes nesses momentos de uma análise são comandadas pelo narcisismo do paciente, pelo registro do imaginário, pelo eu, e estão ordenadas a seduzir o analista, para impossibilitar o acontecimento da transferência na análise que será por onde aparecerá a verdade sobre o sujeito. É por esse mecanismo de funcionamento de uma análise, que impõe tanto o surgimento do fenômeno da transferência quanto da resistência, que Lacan busca modular o caráter importante da fala como o terceiro elemento na relação intersubjetiva do par analista-analisando. No momento em que o sujeito está para revelar algo importante sobre si, “de formular alguma coisa de mais autêntico” (Lacan 1986, p. 52), o sujeito sente alguma coisa se transformar em seu discurso “uma vira-volta súbita que o faz passar de uma vertente a outra do discurso, de um acento a outro da função da palavra” (*ib.*, p. 53), é a transformação, dentro da experiência da análise, da resistência em transferência. Ou como Lacan aponta: no momento em que a palavra não pode se realizar como revelação, devido à resistência, ela surge como transferência, ou dito de outra forma, no momento em que a palavra agarrou-se ao outro – ao analista – em que se realizou como mediação, é o momento em que a transferência surge e satisfaz a resistência impedindo o aparecimento da palavra como revelação. Aparece com isso outro grande paradoxo da análise, pois a transferência deveria ser o evento que transforma a relação paciente-analista em trabalho produtivo de desvelamento do inconsciente. Esse evento, no entanto, na teoria freudiana é descrito como sendo o meio que satisfaz a resistência e para Freud resistência é tudo aquilo que impede o andamento de uma análise. Mas, o que quer dizer a transferência satisfazer a resistência, pois o próprio Freud definiu, a partir das análises que conduzia, que o trabalho analítico só é possível com a implantação da transferência?

Lacan organiza o pensamento freudiano da seguinte maneira: não podendo a fala revelar-se, pois tocaria em algo importante demais que o eu do sujeito não pode ainda reconhecer, surge a presença do analista que faz com que esse discurso que está para ser revelado seja transformado em, não mais revelação, mas em mediação, ou como citado acima, é a transferência satisfazendo a resistência. O analista aí deve ouvir essa reviravolta do discurso e pontuar, através de suas intervenções, esse modo de funcionamento do sujeito para fazer surgir a fala como revelação, não deixar escapar a fala como fala plena, conduzindo o sujeito a reconhecer seus mecanismos de funcionamento, seu inconsciente e seu desejo: “Trata-se de ligar o sujeito às suas contradições, de fazê-lo assinar o que diz, e de engajar assim a sua palavra numa dialética” (Lacan 1986, p. 262). Então, com a possibilidade do surgimento deste outro nível da função da palavra, apresenta-se esse outro paradoxo da posição do analista, a saber, a resistência quando se faz muito forte, surge a transferência como obstáculo, ou a transferência imaginária.

A resistência, com efeito, encarna-se no sistema do eu e do outro. Ela se realiza aí a tal ou tal momento da análise. Mas é de outro lugar que ela parte, a saber, da impotência do sujeito para desembocar no domínio da realização da sua verdade (*ib.*, p. 63).

Lacan fala de resistência como um meio do qual o analista deve se servir para fazer a fala verdadeira se apresentar e como um meio de a interpretação acontecer. A análise da resistência precisa ser compreendida na relação intersubjetiva da fala e é desse lugar que é possível compreender o sujeito implicando-o na sua própria mensagem. Por conta dessa forma de se compreender a fala em análise é que a fala plena apresenta-se como o contraponto da fala vazia, pois é no seu surgimento em análise que se pode falar em progresso do tratamento analítico. “(...) a experiência

analítica (...) coloca em causa a palavra plena (...) a palavra plena é a palavra que faz ato” (*ib.*, p. 129). Essa fala é assinalada pelo valor da anamnese, da história do sujeito contada para o analista, e por isso é o momento em que se observa, mais fortemente, a influência da intersubjetividade como possibilidade da interpretação simbólica. O surgimento da fala plena – que para ser liberada é preciso que o sujeito seja introduzido na linguagem do seu desejo, que é o mesmo que compreender que para além do que ele diz é o simbolismo de seu sintoma que ele revela todo o tempo – acontece não somente pela eficácia das intervenções do analista, pois caso fosse essa a condição, cairia o analista numa posição de saber absoluto, e é contra isto que reza a doutrina lacaniana, é na instauração da transferência simbólica que se explica a eficácia da ação do analista.

Na sua essência, a transferência eficaz de que se trata é simplesmente o ato da palavra. Cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena, há, no sentido próprio, transferência, transferência simbólica – alguma coisa se passa que muda a natureza dos dois seres em presença (*ib.*, 130).

A intersubjetividade em análise comporta um locutor e um ouvinte e ela põe em operação a função simbólica da fala. Essa fala inclui o ouvinte como uma subjetividade capaz de lhe devolver o seu próprio discurso sob uma forma invertida transformando uma análise numa “(...) comunicação em que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida” (Lacan 1998a, p. 298). Lacan aponta que a linguagem por si só na sua expressão inclui a subjetividade quando um fala ao outro: “Tu irás por aqui e, quando vires tal e tal, seguirás por ali” (*ib.*, p. 298). Pois, esse discurso dirigido ao outro não tem a intenção de informar, mas de evocar uma resposta e essa resposta, Lacan pontua, é um endereçamento do analista ao analisando para a verdade de seu desejo inconsciente, para a sua realidade subjetiva formada pelos símbolos que o constituíram enquanto ser falante. A palavra plena é a palavra que endereça o sujeito ao reconhecimento de que é um sujeito desejante. Um mais-além que também é uma outra palavra, só que uma palavra “mais profunda”.

(...) é ao ato mesmo da palavra enquanto tal que somos reenviados. É o valor desse ato atual que faz a palavra vazia ou plena. O de que se trata na análise da transferência é saber em que ponto da sua presença a palavra é plena (Lacan 1986, p. 277).

O analisando traz para a análise um discurso que só pode ser um discurso histórico e é por esse discurso histórico que o analista tem acesso ao vivido de seu paciente. O progresso todo de uma análise gira em torno desse elemento essencial que é apresentado através da fala: da história contada pelo paciente como um modo de restituição do passado. Isso quer dizer que ao trazer para a análise os eventos formadores da sua existência, o que importa na teoria lacaniana é menos lembrar efetivamente e mais reescrever a sua história no registro da palavra. Por esse fato, o da não revivescência, é que Lacan demonstra que o valor da anamnese não está em tornar consciente um determinado trauma para suspender, como conseqüência, um sintoma. Não, o que Lacan assinala é que essa conscientização merece desconfiança, pois, quando da utilização da hipnose, por exemplo, a fala está totalmente dissociada da consciência, o que faz que tal verificação caia em descrédito. Devido a isso, em hipnose, se há eliminação do sintoma, não é por ingerência da consciência.

Lacan aponta o sujeito como sendo o resultado de todos os seus vividos, ou como *gewesend* na linguagem heideggeriana, “como sendo aquele que assim foi (...) supondo-se outros encontros desde qualquer um desses momentos tendo sido, deles teria saído um outro ente, que faria o sujeito ter sido totalmente diverso” (Lacan 1998a, p. 257). Ou seja, sendo o homem resultado de seus vividos, a experiência

analítica tem como mira, a partir da fala, é claro, o modo como conta, como reconstrói a sua história para seu analista. E história não como passado, mas como passado que é pelo discurso reatualizado, historiado no presente. Essa restituição, por parte do analisando, de seu vivido independe do seu conteúdo real e do conteúdo imaginário, mas do sujeito que surge neste discurso. Todo discurso baila entre o vivido real e o vivido imaginário e, por isso, apresenta o nascimento da verdade na fala e que neste discurso não é de realidade efetiva que se trata, constatado na realidade vivida do sujeito, mas de verdade. Lacan argumenta que uma teoria baseada na fala busca uma realidade que não é nem verdadeira nem falsa, mas que emerge na fala do paciente como a sua verdade, uma verdade independente de confirmação no real, pois o que visa a “fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir” (ib, p. 257).

Mas como, a partir do que foi colocado – da análise que mostra o seu valor terapêutico no conjunto discursivo de um paciente que reatualiza seus vividos históricos na intersubjetividade –, é possível a compreensão do símbolo como possibilidade para a estruturação de uma nova psicanálise que compreende agora o inconsciente não mais como um lugar das profundezas, mas localizado na história contada? Como compreender o valor do símbolo quando Lacan afirma: “O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história” (ib, p. 263)?

3.

O homem, segundo Lacan, fala pelo fato de o símbolo o ter feito homem (*ib.* p. 278), isto é, por ser constituído pela linguagem simbólica. O símbolo pode ser compreendido como a palavra “o que é exatamente a mesma coisa no nosso vocabulário – a função da palavra” (Lacan 1986, p. 107) que se separa de um determinado objeto e ganha uma vida independente. Essa palavra, ou o símbolo, separada do objeto separa o pensamento da imagem concreta, podendo, desta forma, a mesma palavra designar vários outros objetos. Portanto, a palavra não tem somente um significado, um único emprego e Lacan afirma que “atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado.” (Lacan 1998a, p. 278)

Essa forma de linguagem – a linguagem simbólica – tira o homem do patamar do natural e o insere na cultura, inaugurando um modo diferente de relação com a realidade e essa diferença basicamente está neste modo de interagir com o meio que passa a ser através do símbolo – que “são significantes do pacto que constituem como significado” (ib, p. 273), tal como afirma Lepine que: “os sistemas simbólicos têm como característica a predominância do significante” (1974, p. 19). Quando o sujeito nasce, ele é inserido imediatamente num mundo simbólico, num mundo de cultura que é estabelecido pela ordem simbólica. A função do símbolo é ordenar o modo de funcionamento de uma cultura e influenciar o comportamento do indivíduo organizando suas relações como, por exemplo, a proibição do incesto que gera as regras de casamento e os sistemas de parentesco. Por isso, é possível afirmar que as relações naturais são substituídas por relações sociais. Em Lévi-Strauss, segundo Lepine (1974, p. 25), a lei natural que regia o acasalamento foi substituída pela regra vivida subjetivamente sob o enfoque moral da proibição ou da obrigação fundando um sistema de trocas ou de comunicação. Portanto, o sujeito ao ser inserido nesta ordem simbólica, que está lá muito antes dele, cria a sua estrutura a partir do Complexo de

Édipo que nada mais é que a localização que o sujeito vem ocupar neste sistema de relações.

O Complexo de Édipo é uma estrutura triádica que introduz a criança na ordem simbólica da linguagem objetivante, o que lhe permite dizer eu, ele ou ela, tu e a situa como criança humana num mundo de terceiros adultos (Lepine 1974, p. 24).

E a localização do sujeito nesta estrutura é o que organiza toda a experiência da análise “como marcando os limites que nossa disciplina atribui à subjetividade” (Lacan 1998a, p. 278). A análise vai buscar no discurso do paciente o que ele pôde reconhecer da sua atividade nas relações familiares, que são relações organizadas pelas estruturas complexas da aliança, para com isso identificar quais são os efeitos simbólicos tanto da proibição do incesto como do que foi possível como aliança.

O contexto da análise não é outra coisa – reconhecer que função assume o sujeito na ordem das relações simbólicas que cobre todo o campo das relações humanas, e cuja célula inicial é o complexo de Édipo, onde se decide a assunção do sexo (Lacan 1986, p.83).

A passagem da natureza para a cultura que determina as relações humanas, que organiza as estruturas elementares do parentesco, é regida por uma lei que é idêntica a ordem de linguagem: imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura, como afirma Lacan. O sujeito fala sem saber como fala, o homem não tem consciência da forma como articula os fonemas, da utilização que faz das regras de linguagem, assim como nas escolhas para formar aliança e seu valor simbólico. Essas escolhas são regidas pelo interdito, por uma lei que não é consciente. A função simbólica, portanto, é o inconsciente e tem como suporte uma lei que em Lacan é o *nome do pai* (que nesse período ainda era escrito em letra minúscula). A função paterna ou a função da lei é ser o suporte da função simbólica, isto é, regular a relação do sujeito “com a imagem e a ação da pessoa que a encarna [a lei], daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções” (Lacan 1998a, p. 280).

Nesta reformulação lacanianiana da psicanálise vienense – do verbo e, com ele, da ordem simbólica permeada pelo nome do pai –, o que importa não é a língua enquanto conjunto de convenções estabelecidas por uma sociedade, e sim, a linguagem como meio de comunicação por onde tanto inconsciente como a análise se estabelecem pela fala, que é o modo particular de cada um articular a linguagem.

Aqui, faz-se necessário compreender que, se a função simbolizadora da fala é introduzir um efeito significativo, esse efeito da fala nada tem em relação à linguagem-signo e, portanto, esse mal-entendido precisa ser desfeito. Para tanto a linguagem animal parece atender a exigência de Lacan ao incluir aí uma ruptura entre a linguagem simbólica e a linguagem expressiva – modo de comunicação que jamais pode ser retransmitida. As abelhas, ao voltarem para a colméia, transmitem às suas companheiras, através de um tipo de dança, o local onde foi encontrado um determinado butim. Essa dança mostra a localização, distância e o modo de se chegar ao local, permitindo que as outras abelhas possam chegar ao determinado destino. Este tipo de linguagem, diz Lacan, expressa uma “correlação fixa entre seus signos e a realidade que eles expressam” (ib, p. 298), tal qual a língua que adquire seu valor nos códigos convencionais para articular o mundo sensível. A linguagem humana, no entanto, na sua expressão, inclui a subjetividade tanto do emissor quanto do receptor. A fala “implica seu autor ao investir seu destinatário de uma nova realidade: por exemplo, quando por um ‘Tu és minha mulher’ um sujeito marca-se como sendo o homem conjungo” (Lacan 1998a, p. 299).

O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é a minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder (Lacan 1998a, p. 301).

Para tanto, o analista, a partir da sua subjetividade, precisa reconhecer na subjetividade de seu analisando, pelo viés do discurso simbólico, de que lugar parte seu eu, essa miragem constituída pelo imaginário e composto de um núcleo verbal, “em outras palavras, em saber através de quem e a quem o sujeito formula sua pergunta” (Lacan 1998a, p. 304). Esse reconhecimento pressupõe o encontro com a origem do ser do sujeito desejante e a relação deste com a constituição de objeto. E, se o simbólico é o que permite a instauração e ordenação da cultura separando o homem da sua condição natural e inscrevendo-o no registro da linguagem à maneira de uma lei que estabelece a interdição do incesto, o que em psicanálise é chamado de Complexo de Édipo – esta estrutura que organiza as relações e a escolha sexual – a ordem simbólica cria o possível das relações do homem com seu mundo. Portanto, por ser a exterioridade do símbolo o que Lacan compreende como constituinte do sujeito e o próprio inconsciente, é possível entender o que quer dizer o inconsciente ser o discurso do outro. Esse discurso do outro, um discurso que vem desta constelação simbólica e que marca todos os eventos da vida de um sujeito.

(...) o homem, desde antes do seu nascimento e para-além da morte, está preso a cadeia simbólica (...) é em seu próprio ser (...) como um todo, só que a maneira de um peão, no jogo do significante, e isso, desde antes que as regras do jogo lhe sejam transmitidas (...) essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a noção mesma do inconsciente (Lacan 1998d, p. 471).

4.

Todo o complexo subjetivo que Lacan pretende fundamentar para constituir sua doutrina compreende três sistemas integrados que marcarão toda a sua obra e que englobam todo o problema da formação humana; tal complexo é “a junção do simbólico e do imaginário na constituição do real” (Lacan 1986, p. 90). O imaginário abarca toda a estrutura da constituição do eu, formando uma unidade corporal a partir da imagem de um outro que toma o sujeito e, por conseguinte, o aliena a esta imagem. Sem mediação da linguagem, esse momento precisa ser superado quando da implantação do simbólico, que é identificado a linguagem. A captação de uma imagem permite ao sujeito integrar suas funções motoras; no entanto, a constituição do eu se dá a priori, sendo anterior ao domínio do real do corpo. Essa experiência original, da realização do outro no sujeito, coordenará toda a vida de fantasia de um sujeito, pois essa vivência Lacan a reduz a

pura e simples realidade que não se delimita em nada, que não pode ser ainda objeto de nenhuma definição, que não é nem boa, nem má, mas ao mesmo tempo caótica e absoluta, original (*ib.*, p. 96) .

Em seu seminário intitulado *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, do ano de 1955, Lacan conduzia sua aula na tentativa de clarear os três sistemas que regem seu pensamento sobre o homem psíquico. Para isso, dizia que o homem é homem devido a sua relação à ordem imaginária; caso contrário, seria lua, ou qualquer outra coisa. O que não quer dizer, entretanto, que essa condição basta para a sua realização plena.

No Discurso de Roma, o símbolo entra no contexto lacaniano como o meio que permitiu a formalização da noção de inconsciente e, em 55, esse estatuto se alarga

em sua conceitualização, quando começa a ser apreendido no termo clássico de nominar e na relação ao tempo. Pois, o símbolo intervém na ordem imaginária, na relação do sujeito ao objeto, por onde o sujeito toma a sua forma, a sua unidade. Mas essa unidade é sempre seguida de um desarvoramento em relação ao objeto, por ser sempre resultado de uma miragem. E essa miragem, por se realizar de maneira instantânea, necessita da palavra para nomear e dar consistência a essa relação.

A palavra que nomeia, é o idêntico (...) Não é à distinção espacial do objeto sempre pronta a dissolver-se numa identificação ao sujeito, que a palavra responde, mas sim à sua dimensão temporal (Lacan 1985, 215).

O objeto perece na sua realização identificatória, mas ao receber um nome perdura, sendo constituído pelo viés de um pacto onde outros sujeitos concordam na nomenclatura utilizada. Por isso, Lacan afirma que o “nome é o tempo do objeto”. Esse é outro momento em que aparece a grande influência na obra lacaniana, Hegel. Este, diz Lacan, afirma: o conceito é o tempo da coisa. Por instituir a palavra na estrutura da linguagem, que comporta um sempre mais-além – pelo fato de que num discurso o sentido nunca está esgotado – e, portanto, na sua função de criar a coisa e que, segundo Lacan, “é nada senão o conceito” (Lacan 1986, p. 275) e, contudo, “o conceito é o que faz com que a coisa esteja aí, não estando” (*ib.*, p. 276). É neste contexto que a experiência analítica se desenrola, quando o sujeito consegue nominar seu desejo. “Tratava-se, pois, de levar o sujeito a assumi-lo [seu desejo] na primeira pessoa do singular em um campo simbólico estruturado como uma linguagem” (Safatle 2003, p. 190). Não obstante, ainda na influência hegeliana, Lacan defende um modo de terapêutica que vai na contramão do mote que tudo que é racional é real. A clínica está além da compreensão do fenômeno psicológico particular, por ser o sujeito inconsciente descentralizado da consciência-de-si; isto quer dizer que não se busca a conscientização do desejo por meio da fala, mas implicar o sujeito na linguagem simbólica de seu sintoma que revela aquilo que fala sem ainda saber que fala. É preciso ouvir o símbolo. Parafraseando Lacan, a mensagem do analista deve ser escutada por seu paciente como uma resposta do que lhe é particular.

O homem vive num meio artificial de símbolos; não reage diretamente às coisas, mas às idéias que ele tem sobre as coisas; não pode perceber nada senão através da interposição deste meio simbólico que o afasta da realidade física (Lepine 1974, p. 23).

O sistema simbólico, enquanto equivalente à linguagem que dá a possibilidade do nível da palavra se precipitar, deve englobar o sistema imaginário para que se possa falar em desenvolvimento subjetivo de um ser. A partir dos elementos da linguagem, o *infans* passa a fazer apelos que o colocam numa posição de dependência do outro e, portanto, colocam-no numa posição que permite a simbolização desse lugar caótico.

Todo esse processo parte desse primeiro afresco que constitui uma palavra significativa, formulando uma estrutura fundamental que, na lei da palavra, humaniza o homem (Lacan 1986, p. 105).

Essa mudança de perspectiva na obra de Lacan permitiu que o inconsciente pudesse ser um conceito pensável, subtraído de sua ênfase substancialista – pois agora está posto fora do homem, mas incorporado ao seu discurso – foi, também, responsável pela ampliação do retorno a Freud tomando o símbolo como fundamental para pensar a teoria e a clínica psicanalítica. Surge no cenário francês um modo de se compreender o homem tomado em sua subjetividade pelo símbolo. É o significante que passa a ser o conceito que dá o contorno ao desenvolvimento da teoria lacaniana. Por ser este entendido como o que predomina quando dá manifestação do símbolo –

única forma que até o presente momento Lacan atribui ao significante –, passa a ser tomado por Lacan como a forma de expressão da linguagem humana, que, já neste momento, Lacan a está querendo diferenciar da linguagem signo, como apontamos acima.

Quando da implantação do simbólico na teoria lacaniana, o sujeito era tido como sujeito inconsciente e este era composto pelos símbolos que estruturavam a vida de um sujeito. Na junção do imaginário e do simbólico na constituição do ser que se torna um ser que fala e que, quando fala, numa relação intersubjetiva – como, por exemplo, a análise –, o que aparece é sempre o inconsciente como a expressão de uma palavra simbólica que diz sempre mais do que o eu do homem acredita dizer. Assim, o inconsciente surge como *je*, isto é, como sujeito do discurso que revela que seu núcleo é o desejo. “Qual será essa parte, no sujeito, que fala? A análise diz – é o inconsciente (...) esse inconsciente é algo que fala no sujeito(...)” (Lacan 1988, p. 52). Na aula de 15 de dezembro de 1954, Lacan questiona: “o que é o sujeito?”; e logo em seguida responde:

O sujeito é ninguém. Ele é decomposto, despedaçado. E ele se bloqueia, é aspirado pela imagem, ao mesmo tempo enganadora e realizada do outro, ou, igualmente, por sua própria imagem especular (Lacan 1985, p. 74)

Ao afirmar que o sujeito é ninguém, o propósito de Lacan é romper com a idéia de uma substância para o sujeito. Sendo o eu uma ilusão que se constitui por uma identificação, o sujeito, que não é o eu, localiza-se no inconsciente que é constituído pela estrutura e suporte da linguagem simbólica. O sujeito está “(...) no inconsciente, excluído do sistema do eu, o sujeito fala” (Lacan 1985, p. 80). Por isso ao traduzir de forma diferenciada dos teóricos da sua época a frase trabalhada por Freud em sua conferência XXXI que trata da questão do eu e do inconsciente, que Lacan encontra o sujeito: *Wo Es war, soll Ich werden*. O que Lacan propõe não é a substituição do id pelo eu, mas de pontuar uma clivagem, portanto, distinguir o sujeito do inconsciente do eu: *Là ou fut ça, il me faut advenir*³ (Lacan 1998e, p. 528). É uma tentativa de romper com a idéia de um eu absoluto que Lacan faz surgir um sujeito que se mostra na fala e, que esse eu busca constantemente suplantar. É da passagem do imaginário para o simbólico que se pode começar a pensar em sujeito na obra de Lacan. Portanto, se a estrutura da cadeia significante aponta “(...) a possibilidade que eu tenho (...) de me servir dela [da língua] para expressar algo completamente diferente do que ela diz” (*ib.* p. 508), ao invés de pensar a cadeia discursiva como uma forma de acomodar um pensamento a um som e este a uma coisa, Lacan mostra que o sujeito utiliza-se da língua, pelas relações significantes e pode expressar outra coisa que não o mesmo descrito pelo signo.

(...) a constelação significante opera mediante o que podemos chamar de um sistema de transformações, isto é, um movimento giratório que, se examinarmos mais de perto, cobre a cada instante o significado de uma maneira diferente e, ao mesmo tempo, parece exercer sobre este uma ação profundamente remanejadora (Lacan 1995, p. 310).

O significante está situado, por ser um existente, numa cadeia simbólica. Cadeia vem apontar um certo deslocamento sucessivo daquilo que determina o sujeito por ser este fundado pelo símbolo. Esse deslocamento, Lacan afirma, é determinado pelo lugar ocupado pelo significante que, por sua vez, ao estar dentro da cadeia discursiva de um sujeito, passa a ordenar a ação do homem. A cadeia significante constitui o sujeito através dos significantes que a constituem. Por ser o significante “símbolo de uma ausência” (Lacan 1998g, p. 13), isto é, aquilo que substitui uma coisa ou um objeto, este pode sempre mudar de lugar até mesmo por ser um equivalente

plurívoco, sobredeterminado. É aqui que o significante se afirma, nesse deslocamento simbólico, como se inscreve no inconsciente – entendido não como um lugar ou uma instância psíquica, mas como uma insistência –, e se expressa através da fala, determinando desta forma o destino do sujeito.

Este modo de compreender a expressão de um sujeito visa “(...) indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade” (ib, 310). A verdade já foi tratada por Lacan no Discurso de Roma, ela é a fala do sujeito, portanto, ela “depende só (...) da palavra e de nenhuma outra coisa que se trataria de designar” (Nancy, Labarthe 1991, p. 76). E se, para Lacan, o sujeito que no ato da fala expressa sua verdade, isto destaca não uma interioridade disposta a aparecer quando das pontuações analíticas, mas um sujeito, “um ser vivo que fala (...) é que a estrutura escraviza o sujeito, fragmentando-o em efeitos de significante” (Miller 1988, p. 24). Pois, o sujeito, se é efeito do significante, ele é “o que o significante representa, e este não pode representar nada senão [o sujeito] para um outro significante” (Lacan 1998g, p. 849). Sendo assim, o sujeito constitui-se a partir do significante e, ao falar, só pode exprimir, dentro da uma cadeia significante, sua própria estrutura significante.

O sujeito lacaniano é, pois, instituído no e pelo significante. Assim é que se repete e se teoriza a pré-inscrição do sujeito por seu nome ‘próprio’, tal qual a evocava a primeira página do texto [A Instância da Letra]. A teoria da letra como que se afivela bem com uma teoria do sujeito. A entrada no sujeito não pode ser, desde então, senão uma entrada no significante – enquanto que o sujeito do significado desliza para fora de si e que sua teoria afivela-se, por sua vez, com a da letra. Desta forma, mais uma vez se é reconduzido ao significante (Nancy, Labarthe 1991, p. 79).

Lacan aponta como uma nova concepção de inconsciente - “como uma cadeia de significantes que em algum lugar se repete e insiste” (Lacan 1998f, p. 813) – onde as combinações significantes produzem um sujeito; um sujeito que deve ser pensado como do inconsciente, pois é na tentativa de redefinir o inconsciente freudiano pela visada estruturalista que este ganhou seu estatuto de simbólico a priori para encontrar-se com uma conotação significante que, em sua estrutura e operação combinatória, funda um sujeito, um sujeito ex-cêntrico. Assim, é possível perceber uma mutação da importância do símbolo para o significante determinante do sujeito, um sujeito não mais inconsciente, mas que ao se exprimir firma sua ex-centricidade na insistência do inconsciente. Assim, se o inconsciente insiste movido pela cadeia metonímica para produzir um efeito metafórico pode-se concluir que o sujeito é resultado deste efeito.

5.

Se a verdade se apresenta “nas entrelinhas” quando o sujeito fala – uma verdade que precisa ser assumida por aquele que a profere –, quando, a partir da cadeia significante, o sujeito é apresentado para outro significante, podemos pensar no sujeito como o que aparece quando a fala expressa esse significante. Desde então, já não se deve mais buscar a questão do homem no seu submundo psíquico, mas como o próprio discurso significante como Lacan vem pontuando insistentemente. E é nesta relação do sujeito com a fala que Lacan fundamenta sua teoria e clínica da psicanálise. Apropriando-se do significante como veículo desta fala, o campo da obra lacaniana se enraíza como uma teoria da linguagem; uma teoria que visa, a partir de uma prática clínica, desfazer sintomas, desvelar verdades e fazer surgir uma subjetividade que se compõe pelo mesmo modo como se expressa, pelo significante.

No deslizamento de uma cadeia de significantes articulados nos dois eixos da linguagem, paradigmático e sintagmático, a metáfora e a metonímia permitem que sejam encontrados sentidos para uma fala; e, desta fala surge tanto um sujeito quanto o desejo que compõe a estrutura do inconsciente. Formulando assim a teoria, Lacan constrói uma psicanálise que, por mais que se diga herdeira da obra vienense, está sustentada numa visão lingüística e filosófica; não obstante, estas apropriações por parte de Lacan, ao mesmo tempo em que acontecem, são remodeladas, submetidas a reformulações, para poder compor os termos necessários do seu projeto: uma teoria da subjetividade humana.

Do simbólico ao significante, a teoria lacaniana, até o momento em que lidamos com ela, apresenta um campo estruturado por elementos da vida de um sujeito que o constituíram enquanto sujeito desejante e que revela sua relação intrínseca com a linguagem, que é a possibilidade para o inconsciente. Essa ordenação teórica, Lacan a fez falar a partir de Freud, independentemente de Freud.

Referências Bibliográficas

- DOSSE, François (1993). *História do estruturalismo*. São Paulo: Ed. Ensaio.
- LACAN, Jacques (1998b). “A Coisa Freudiana ou o Sentido do Retorno a Freud em Psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- _____ (1998e). “A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1998c). “A Psicanálise e seu Ensino”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1998a). “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1998g). “Carta Roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1953). “O Simbólico, o Imaginário e o Real”. Conferência de 8 de julho, Mimeo.
- _____ (2003). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1998d). “Situação da Psicanálise e Formação do Analista em 1956”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1998f). “Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar
- _____ (1986). *Seminário 1. Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1985). *Seminário 2. O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1988). *Seminário 3. As Psicoses*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- _____ (1995). *Seminário 4. A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar.
- LEPINE, Claude (1974). *O Inconsciente na Antropologia de Levi-Strauss*. São Paulo: Editora Ática.
- MILLER, Jacques-Alain (1988). *Percurso de Lacan, uma Introdução*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue (1991). *O Título da Letra uma Leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta.
- SAFATLE, Vladimir (2003). *Um Limite Tenso, Lacan entre a Filosofia e a Psicanálise*. São Paulo : Editora Unesp.

Notas

¹ Sistema é um conjunto de relações que se interligam, se influenciam, se transformam e se mantêm e essas relações acontecem independentemente das coisas que as ligam e respondem a um único sistema

² Essa divisão lacaniana se dá como um modo de inferir sobre o sujeito constituído pelo imaginário, aquele que se formou a partir do outro e que constrói toda uma constelação de objetos que possam manter seu mundo imaginário. Esse eu é conhecido na obra lacaniana como *moi*. A outra metade desta divisão é o *je*, também representado por [eu], o sujeito inconsciente – que mais tarde Lacan denominará de sujeito *do* inconsciente – aquele que aparece no discurso do analisando e que revela a sua verdade, como dito antes, a verdade inconsciente e desejante “(...) *eu (moi) como função imaginária do eu, como unidade do sujeito alienado a ele mesmo, do eu (moi) como aquilo em que o sujeito não pode se reconhecer primeiro a não ser alienando, e, portanto, só pode se reencontrar se abolir o alter ego do eu (moi) que, como tal, desenvolve a dimensão, muito distinta da agressão, que se chama em si mesma e desde já, a agressividade*”. LACAN, *O simbólico, o imaginário e o real*. Conferência de 8 de julho, 1953, pág. 11. Mimeo.

³ Lá onde isso foi, ali devo advir

Artigo recebido em 10/04/2007 e aprovado em 13/06/2007.